

O QUE APRENDI COM O PROFESSOR PEDRO PAULO FUNARI

Monica Selvatici¹

“Dê-me dois limões e eu farei uma limonada”. Este ditado é a primeira coisa que vem à minha mente quando penso no professor Pedro Paulo Funari. Eu o escutei repeti-lo algumas vezes quando de minha passagem pelo doutorado na área de concentração em História Cultural da UNICAMP entre 2002 e 2006. Funari foi, ao lado de André Chevitarese, o co-orientador de minha pesquisa de doutorado.²

O forte pragmatismo de Funari em relação à vida acadêmica, associado a dose importante de otimismo e resiliência, não o deixava esmorecer diante das vicissitudes da academia, como o corte de verbas, diminuição de bolsas para os alunos ou eventuais querelas entre docentes. “Dê-me dois limões e eu farei uma limonada”. Se a Fapesp passara a dificultar a concessão de bolsas, negando a princípio todos os pedidos, não deveríamos nos dar por vencidos: “redijamos o recurso explicando a importância da pesquisa em questão!”. E, desta forma, muitas das negativas iniciais se transformavam, felizmente, em pedidos deferidos. Homem de poucas reclamações e de muita iniciativa, ele fazia questão de destacar em palestras e publicações os avanços da produção historiográfica dos antiquistas brasileiros.

Leitor e escritor voraz, o extenso currículo do professor Funari é uma marca registrada, que nós, alunos, aprendemos a admirar e a adotar como referencial (não alcançável, obviamente), quando da construção de nossa própria carreira acadêmica. Ele, com certeza, nos auxiliou e ainda o faz neste sentido, por meio das muitas oportunidades de publicação que criou para nós no *Boletim do Centro do Pensamento Antigo* e em obras por ele organizadas.

¹ Professora Doutora, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, Brasil. E-mail: mselfvatici@gmail.com

² Sou muito grata pela dica fundamental que recebi do professor Funari, no princípio de minha pesquisa, sobre enxergar o tema que eu propusera em meu projeto de pesquisa pelo viés da etnicidade. Esta dica muito preciosa acabou por definir a originalidade da análise empreendida na tese.

Minha experiência nas disciplinas do doutorado foi marcada por muitas leituras de autores considerados pós-modernos, que questionavam de múltiplas formas os pressupostos da História como disciplina científica. Por mais que eu tenha, agora, para mim resolvida a questão da história como ciência – ela é, sim, uma ciência com o uso de métodos e teorias que incorpora, no entanto, o aspecto da subjetividade – a “picada” do relativismo, tão forte entre os pós-modernos, deixou uma visível marca em mim. Não há teoria perfeita, não há discussão historiográfica acabada sobre qualquer assunto que seja. Existem escolhas teóricas, pertinentes cada uma delas a partir de sua própria perspectiva.

Mais do que isso, aprendi na Unicamp a historizar os arcabouços interpretativos dos diversos autores que lia e lia. O próprio Funari já assinalava em 1999 que, no panorama acadêmico europeu, vigorava naquele momento a tendência à “historização das estruturas interpretativas científicas assim como da ‘invenção’ das evidências (...) de modo a se ‘encontrar’ novas evidências e o ‘poder criativo’ para compreendê-las” (1999: 42). Com efeito, foi ele, em grande parte, o responsável por introduzir tal recurso entre os trabalhos de pesquisa brasileiros sobre a antiguidade dos anos 2000, vide a quantidade expressiva de livros, dissertações e teses (dentre as quais se inclui a minha) de orientandos seus que adotaram o procedimento da historização das estruturas interpretativas científicas ao analisarem aspectos variados do mundo antigo.

Contextualizar a fala de todo e qualquer autor... Faço este exercício em minha vida acadêmica; procuro, a todo custo, ensiná-lo a meus alunos (que chegam à graduação tão repletos de fáceis verdades!); e tento, ainda, fazer o mesmo em minha vida pessoal. Este importante aprendizado eu devo, sobretudo, ao professor Pedro Paulo Funari.

Referência

FUNARI, Pedro P.A. Historical archaeology from a world perspective. In: FUNARI, P.P.A., HALL, M. & JONES, S. (Org.) *Historical Archaeology. Back from the Edge*. London and New York: Routledge, 1999, p. 37-66.